É A HORA DE PORTUGAL

Graves acontecimentos se desenrolaram nestes últimos meses. A paz portuguesa, que, nações menos felizes que nós, nos invejavam, foi perturbada pelo terrorismo que, fomentado no estrangeiro, assolou o Norte das portuguesíssimas terras de Angola. Tem corrido muito e generoso sangue português e o sacrifício daqueles que tombaram, mais vinculou à Mãe-Pátria, apertando os laços duma unidade indissolúvel, todas as províncias ultramarinas.

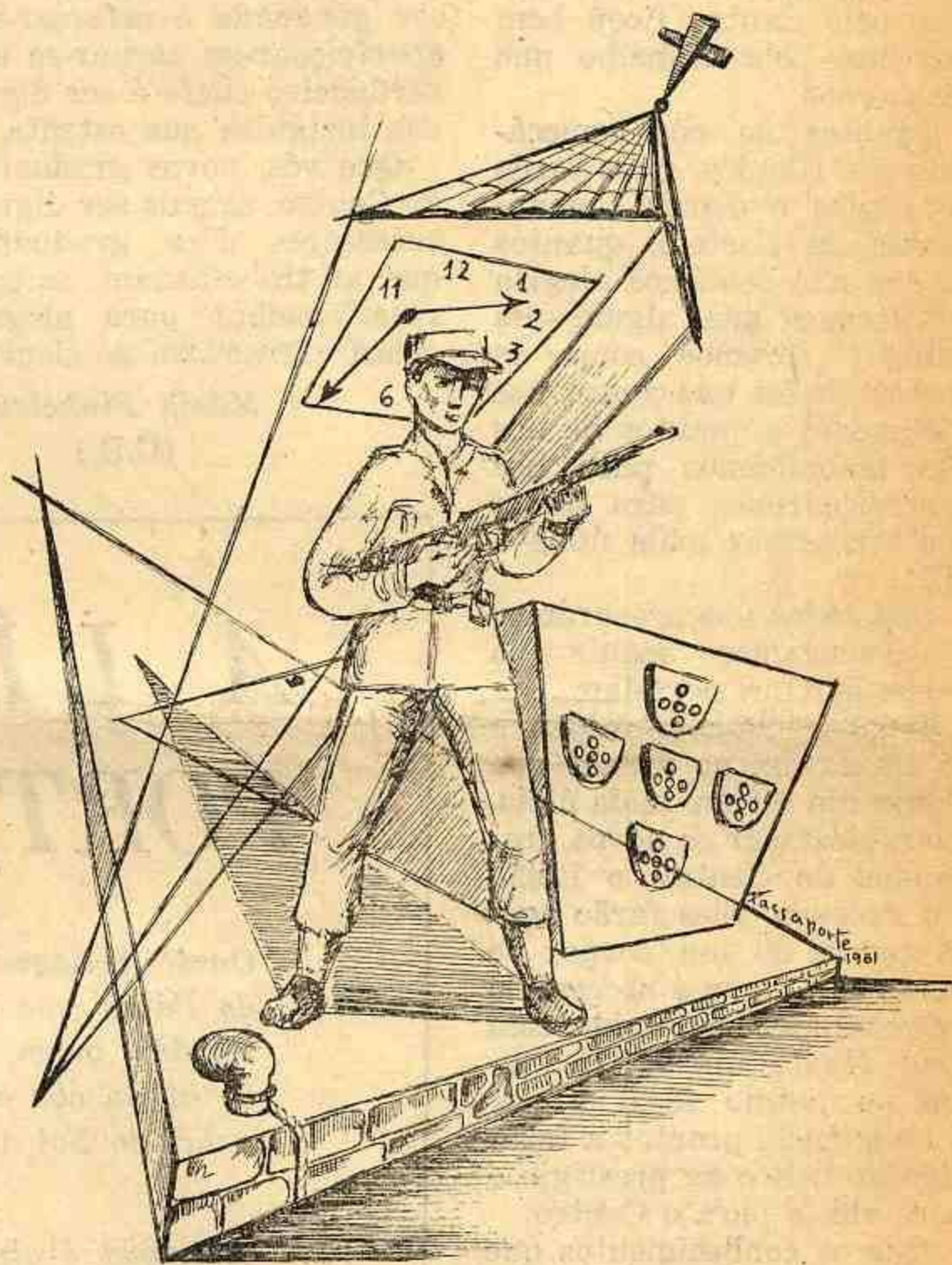
No assalto ao «Santa Maria», prelúdio dos acontecimentos posteriores, caiu o primeiro português a dar a vida pela Pátria nesta ofensiva quase que geral contra Portugal, pois é Portugal cristão, missionário e civilizador que visam com a sua aliança a maçonaria e o comunismo internacionais.

E esse português que o destino quis que morresse no mar das Caraíbas, dando a todos nós a lição sublime de como se cumpre o dever e para alem de todos os sacrifícios se tomba servindo, esse português era um antigo camarada nosso que na Escola da Mocidade aprendeu a viver com honra e a morrer com heroísmo.

Depois de João José de Nascimento Costa, já muitos antigos filiados foram chamados a dar testemunho do seu portuguesismo, da sua lealdade, e nas mais longínquas paragens do Ultramar estão alerta, vigilantes e atentos.

Quando tantas juventudes se gastam numa vida de prazeres mórbidos que enfraquecem o corpo e aviltam a alma, eu sinto o maior orgulho ao ver o garbo, o entusiasmo e o aprumo com que os nossos rapazes, dando ao Mundo uma lição que o Mundo forçosamente tem de respeitar, marcham para o combate traiçoeiro onde se emboscadas avultam, mas onde é mister vencer. A morte pode esperá-los, mas mais que a vida interessa a honra.

Páginas de heroísmo têm sido escritas em Angola tanto pelas forças do exército, como pelos bravos colonos que enraízados na terra, tão portuguesa, não arredam pé, não se atemorizam com os crimes dos bandoleiros a que nas horas difíceis de Março tiveram que fazer frente quase só com os seus próprios recursos. É que nuns e noutros pulsa o mesmo coração, corre nas veias o mesmo san-

(Continua na 6.ª página)

O Ministro da Educação Nacional falou à M.P.

Em Aljubarrota, no dia 14 de Agosto, o Senhor Professor Doutor Manuel Lopes de Almeida, Ministro da Educação Nacional, falou à M.P.

Da oração de Sua Excelência transcreveremos estes dois passos que pedimos aos nossos colegas para lerem e meditarem:

«Como foi outrora no século XIV, quando nestes planos se desenvolvia a batalha

(Continua na 7.ª página)

5

DIRECTOR LEITE DE CASTRO
CHEFE DE REDACÇÃO C. C. PAULO PAIS N. PROENÇA
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO C. E. 2 (LICEU DA COVILHÃ)
1 DE OUTUBRO DE 1961
Composto e impresso na Tipografia do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO

Exortação aos novos

Alvorecer de um novo ano de actividades, perspectivas de novos empreendimentos surgem. O ano que vai começar tem de ser mais fértil em realizações M.P.. Debruçamo-nos sobre o que se fez e vemos que embora muito se tenha feito, muito mais há a fazer. É sempre assim, sempre a esperança e a fé de fazer mais e melhor, de podermos suplantar os outros, de podermos dizer que na verdade, a nossa passagem pelo Centro ficou bem marcada pelo trabalho que realizámos.

Quantos de nós começámos por filiados, mais tarde arvorados e depois Comandantes de Castelo, quantos de nós não sentimos alegria ao vermos que algum dia também seremos como os nossos chefes que agora nos comandam e quantos de nós não trabalhámos para nos aperfeiçoarmos, para assim nos tornarmos mais úteis à M.P.

Sim todos nós procurámos e procuramos seguir os ideais que nos norteiam.

Daqueles que ansiavam e se alegravam ao pensar que algum dia seriam mais úteis, quero destacar os novos graduados do Centro, o Rolão e o Proença. Eles farão agora parte de um corpo, de uma equipa que é necessário estar sempre bem unida, com uma frente única, irmanados no mesmo ideal e por consequência prontos a fazer algo de útil e de prestigioso para eles e para o Centro.

Que os conhecimentos que trouxesteis da E.N.G. os possais pôr ao serviço do Centro ao serviço da M.P.

Vendo o que se fez, as realizações levadas a efeito nos anos transactos, os acampamentos, as provas de campo, as visitas de estudo, podereis abalançar-vos em novos empreendimentos e se quiserdes podereis fazer «mais e melhor». «Mais», para melhor cativardes os rapazes que chefiais, «melhor» para vos alegrardes com o trabalho e esforço realizados. Ser graduado, caros camaradas, não é ostentar as insígnias que lhe deram e que tão bem soube ganhar, ser graduado é esforçar-se, aperfeiçoar-se, tornar-se um verdadeiro chefe é ser digno das insígnias que ostenta.

Que vós, novos graduados do Centro, saibais ser dignos sucessores dos graduados que aí trabalharam, saibais fazer melhor para alegria vossa e grandeza do Centro.

Mário Pinheiro
(C.B.)

A JUVENTUDE E AS LEITURAS

Ler é recrear o espírito, é aprender novos conhecimentos que podem ser muito úteis na nossa vida.

Ler, jovem, é uma prestimosa ocupação que todos nós devemos ter. Ler é transportar-nos ao passado e apreciar os feitos de nossos antepassados, para que esses nos sirvam de estímulo e incentivo, para continuarmos a servir, cada vez com mais ardor, a nossa querida Pátria. Uma boa leitura, um bom livro, são fontes inesgotáveis de conhecimentos, de recreação. Por isso os livros são óptimos e poderosos meios de civilização. E tu jovem, que serás o homem de amanhã, tu que começas agora a despontar para uma vida mais dignificante, precisas de adquirir uma boa formação intelectual, precisas por conseguinte de te embeberes cada vez mais na leitura de bons livros base de uma verdadeira formação.

Quantos homens não sentem o mal que fizeram em não tomar gosto pela leitura?

Começa desde já a habituar-te a ler bons livros e verás que no futuro poderás dar sobejas provas daquilo que eles te ensinaram.

Na escola aprendemos as bases fundamentais, depois temos de nos orientar e procurar bons livros que mediante a sua leitura vão completar os nossos conhecimentos literários e científicos. Educar criando o verdadeiro amor à leitura, ensinando aos jovens a prestar o culto ao livro vendo nele um óptimo conselheiro é apanágio da M.P.

Criando o «Serviço de Publicações» a Organização Juvenil à qual nós pertencemos quis orientar-te na escolha de um bom livro. E assim poderás encontrar livros de novelas, contos, romances, iniciação desportiva, etc.

Mas mais do que eu a lista de alguns livros que poderás adquirir no «Serviço de Publicações da M.P.» te elucidará convenientemente.

A arte de ser chefe
Batalha de Aljubarrota
Carneiro Pacheco — Mestre da Juventude
Mocidade Portuguesa — Objectivos e actividades
Deus e a Ciência
Jovem de carácter
Juventude radiosa
Orquídea Negra
Delinquência Juvenil
Manual de Topografia

Mário Pinheiro
(C.B.)

A LÍNGUA PORTUGUESA

Ouvi! A língua é bandeira
da Pátria que reza e canta.
Bendito quem, entre tanta
de altiva cor estrangeira
à luz do Sol a levanta!

A língua é alma envolvente
da Pátria de todos nós.
Maldito quem, loucamente
lhe mancha a pureza ardente
ao bafo da escura voz!

Ouvi! A língua em verdade
é ontem, hoje, amanhã;
é fé, esp'rança, saudade
filha e mãe da eternidade,
verbo de essência cristã.

Ó povo, defende-a pura
de ódio, inveja ou negra ideia,
veste-a na graça e candura
do teu linho, sem mistura
de falsa púrpura alheia

ANTÓNIO CORREIA D'OLIVEIRA

C. B. Mário Pinheiro

No decorrer deste ano de actividades, poderemos contar de novo com o concurso e a boa vontade do nosso antigo graduado C. B. Mário da Silveira Pinheiro.

Não o teremos infelizmente todo o ano entre nós, pois se for admitido ao Curso de Pilotagem da Aeronáutica terá dentro de poucos meses de nos abandonar, mas até lá o seu dinamismo, a sua boa vontade, a sua experiência estarão inteiramente ao serviço deste Centro que ele ajudou a formar e a prestigiar.

Nota da Redacção

Todos aqueles que trabalham na «Chama» acompanharam com a maior emoção a luta que os nossos soldados travaram, em Angola, onde acabaram de escrever sem dúvida uma das mais portuguesas páginas da História de Portugal.

Nem a traição que a cada passo os esperava, nem as dificuldades capazes de demover os mais valentes, nem a campanha internacional foram suficientemente grandes e fortes para que neles esmorecesse o ânimo de soldados de Portugal.

«Chama» ao evocar aqueles que caíram por uma Pátria maior e que pela unidade sagrada da nação derramaram o seu sangue, presta neles uma modesta homenagem a todos aqueles que em 800 anos, pela força das armas ou pelo trabalho honrado nos mais diferentes misteres, fizeram Portugal.

A. Q. G. Dr. Fernando Bernardo Panarra

O Dr. Fernando Panarra que durante o ano lectivo 1960/61 testemunhou o maior interesse por todas as iniciativas da M.P. levadas a cabo não só neste Centro como na Ala da Covilhã, foi em Julho passado nomeado Assistente do Quadro Geral e colocado na nossa

A. Q. G. Dr. Fernando Panarra

Casa da Mocidade como Adjunto do seu Director.

Antigo graduado da M.P., membro da primeira Direcção da Casa da Mocidade da Guarda e Presidente da que se lhe seguiu, foi sempre conhecido pela sua dedicação à causa da Mocidade.

Pela justa nomeação para Dirigente, bem como por ter sido colocado nas funções referidas, a «Chama» felicita o Dr. Panarra pela prova de confiança que lhe foi dada.

Comemorações dos 25 anos da M.P.

Neste ano das nossas «bodas de prata» por mais de uma vez se chamou a atenção dos filiados para a vida da Organização ao longo deste quarto de século.

A secção Cultural do Centro com pleno apoio da Direcção chamou a si o encargo de comemorar tão festivo aniversário, trazendo-o à lembrança de todos e procurando despertar com essas simples evocações maior entusiasmo e zelo pela obra da M. P..

A coincidir com o dia 11 de Abril publicou-se neste Centro o 3.º número da «Chama» e a 19 de Maio o 4.º, esse inteiramente dedicado a estas comemorações.

A aproximação do fim do ano e o momento nacional que se atravessa, impediram-nos de dar o brio que primeiramente se tinha pensado às festas de 19 de Maio, mas de forma alguma essa data foi esquecida no C. E. n.º 2. Desde manhã que todos os filiados da M.P. e M.P.F. se apresentaram fardados, tendo pelas doze horas e trinta minutos ido à Reitoria cumprimentar o Director de Centro e a Subdelegada Regional da M.P.F., Senhora D. Judite Fitas que se faziam acompanhar do Rev. Assistente, Padre José Baptista Fernandes e de todos os dirigentes.

À tarde, pelas 16,30 horas realizou-se no ginásio do Liceu uma pequena sessão presidida pelo Director de Centro e Reitor do Liceu, Dr. José Abrantes da Cunha.

O C.C. Paulo Pais Proença, comandante de instrução e adjunto do Centro, dirigiu uma breve exortação a todos os filiados, apontando-lhes com entusiasmo o seu dever na hora presente em que tantos rapazes novos se batem, se sacrificam pela unidade nacional.

Depois, agradeceu à Sr.ª Subdelegada Regional da M.P.F. o apoio tão franco e espontâneo que deu a estas comemorações, aproveitando a ocasião para lhe agradecer o carinho e interesse com que a Sr.ª D. Judite Fitas sempre acompanhou todas as nossas iniciativas. A terminar o C.C. Paulo Proença fez votos para que a Mocidade Portuguesa continue sempre a ser a escola de servir e de sacrifício que tem sido até hoje.

Em nome da M.P.F. falou a filiada Maria da Piedade Proença Garcia que em palavras vibrantes de patriotismo enalteceu o papel que cabe à mulher na defesa dos mais sagrados direitos da Pátria, afirmando em dado momento que «só de mães heroínas podem nascer verdadeiros heróis».

O senhor Reitor encerrou a sessão agradecendo ao C.C. Paulo Proença e à Maria da Piedade Garcia as palavras que acabara de ouvir e esperava calassem fundo no ânimo de todos os presentes.

Depois, num improviso que entusiasmou a assistência, o Dr. Abrantes da Cunha fez patrióticas considerações sobre a situação do nosso Ultramar, afirmando a sua convicção na vitória de Portugal e a certeza de que vencida esta crise ficaríamos ainda mais fortes e unidos para continuarmos a obra civilizadora que iniciámos há séculos.

Assistiram a esta sessão todos os dirigentes dos Centros da M.P. e da M.P.F., o corpo docente do Liceu e quase a totalidade dos seus alunos.

À noite foi servido um jantar de camaradagem em que tomaram parte o Subdelegado Regional, Engenheiro Melo e Castro e o Dr. Carlos Coelho, Deputado da Nação que recebeu nessa ocasião o diploma de «Amigo Honorário do Centro».

No decorrer do corrente ano continuarão as comemorações dos 25 anos da Mocidade Portuguesa.

João Manuel Martinho
(A.C.C.)

Dr. Carlos Coelho

novo amigo honorário do Centro

Há muitos anos que o Dr. Carlos Coelho tem testemunhado o maior interesse pelo nosso Centro ajudando todas as iniciativas sempre que solicitado e honrando-nos com a sua presença quer nas sessões solenes, quer nas actividades de campo.

Foi, pois, um acto de justiça nomear o Dr. Carlos Coelho Amigo Honorário deste Centro, distinção que anteriormente só fora concedida ao Dr. José Ranito Baltazar, ilustre Presidente da Câmara da Covilhã e ao Dr. Alfredo dos Santos, antigo Director de Centro.

A nomeação do Dr. Carlos Coelho foi feita pela O. S. n.º 41 de 19 de Maio, a coincidir com as cerimónias comemorativas dos 25 anos da Mocidade Portuguesa.

Durante o jantar comemorativo desse aniversário foi entregue a Sua Excelência o respectivo diploma.

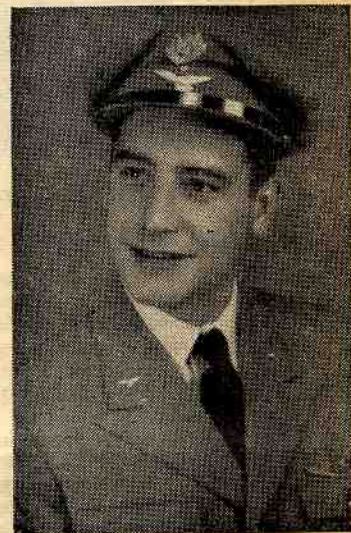
Jorge Raposo Gomes Prata

Um antigo graduado da Divisão de Castelo Branco, C. C. Jorge Raposo Gomes Prata caiu gloriosamente em Angola no cumprimento do seu dever de soldado português.

Está ainda presente na memória de quase todos os dirigentes e filiados desta Divisão o que foi o entusiasmo generoso e a acção dedicada do Jorge Prata por todas as manifestações da Mocidade Portuguesa.

Sempre presente, sempre o primeiro, foi um graduado que prestou relevantes serviços e que nós hoje lembramos orgulhosamente — pela sua vida e pela sua morte tão de acordo com os princípios que professou, com os ideais que sempre serviu.

Com 25 anos de idade era Sargento de Aeronáutica e veio a en-

contrar a morte sobre o céu de Angola quando em Julho passado numa missão de soberania cumpria o seu dever.

A Covilhã perdeu mais um dos seus filhos, a Mocidade Portuguesa conta com mais um filiado entre os muitos que deram a vida pela Pátria sabendo morrer em fidelidade plena ao seu juramento.

C. C. Jorge Prata!

Presente!

UM ANO DEPOIS...

Há um ano precisamente nasceu o nosso pequeno jornal, graças ao apoio que desde o primeiro momento encontrámos na pessoa do nosso Director de Centro, Dr. José Abrantes da Cunha. Sem ele não nos teria sido possível cumprirmos a nossa tarefa e manter a «Chama», pequena tribuna dos nossos rapazes que serve simultâneamente para as suas primeiras iniciações literárias e para manter bem vivo o ideal da Mocidade Portuguesa.

Certo de que não nos faltará no ano que hoje encetamos o apoio e estímulo do nosso Director de Centro e a colaboração dos filiados, tanto daqueles que ainda hoje frequentam o Liceu, como dos outros que em anos mais adiantados cursam o 3.º ciclo e os primeiros anos da Universidade, encaramos a nossa futura tarefa com o melhor dos optimismos, esperando que de qualquer modo continuaremos a servir o Centro.

É essa a nossa finalidade e com a ajuda de todos quero crer que a havemos de cumprir.

Não fazemos projectos para os próximos números, únicamente nos limitamos a afirmar que procuraremos cumprir o melhor possível.

João M. Martinho

ACAMPAMENTO "MACIEL CHAVES"

A chegada da representação escuta

A Esposa do Director do Centro e os filiados da melhor tenda

(Continuação da 8.ª página)

fé patriótica. Em nome do Centro agradeceu o director do acampamento que fez entrega ao chefe do Núcleo da Covilhã, como lembrança desta Chama, dum guião reproduzindo a Bandeira de D. Nuno Alvares Pereira.

Domingo, pouco antes do meio dia, chegou à Senhora do Carmo Sua Excelência Reverendíssima o Sr. D. Policarpo que era aguardado pelas entidades oficiais, dirigentes da M.P., Escuteiros e Escuteiras, filiadas da M.P.F., Director e Comandante do acampamento, bem como por muitas pessoas que da Covilhã se haviam deslocado propositadamente para homenagear o Venerando Prelado.

Celebrou a Santa Missa o Rev. Assistente Eclesiástico Padre Baptista Fernandes, tendo proferido a homília o Senhor Bispo da Guarda. As palavras de Sua Ex.ª Rev.ª deixaram em todos que tiveram a dita de as ouvir, a maior e mais forte impressão. A Mocidade recebeu aí a verdadeira palavra de ordem para o momento presente.

Serviu-se, depois, um almoço a que presidiu Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Policarpo da Costa Vaz, e durante o qual usaram da palavra o Dr. Abrantes da Cunha, Reitor do Liceu e Director do Centro Escolar n.º 2, o Sr. Alves Pereira, Chefe Regional na Diocese da Guarda do Corpo Nacional de Escutas, A.Q.G. Dr. Leite de Castro, Director do Acampamento e o Senhor Bispo da Guarda.

Capela de Nossa Senhora do Carmo

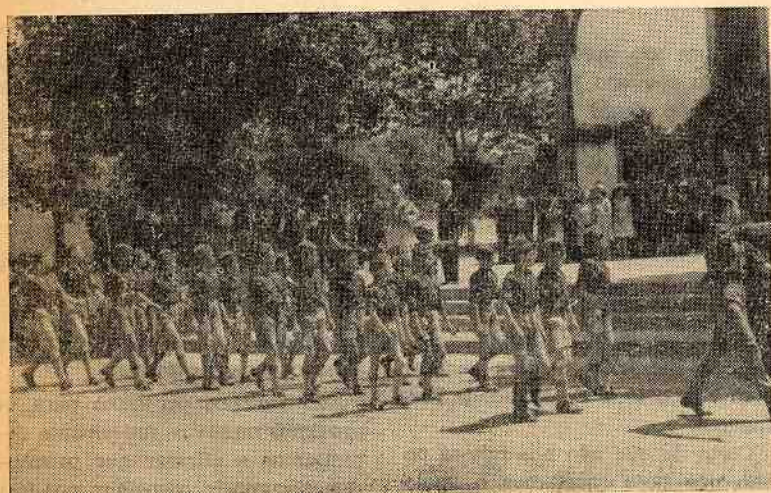
Depois do almoço um júri constituído pelas Senhoras da Covilhã, que se encontravam na Senhora do Carmo, e a que presidiu a Esposa do Sr. Reitor escolheu a melhor tenda a que atribuiu um prémio.

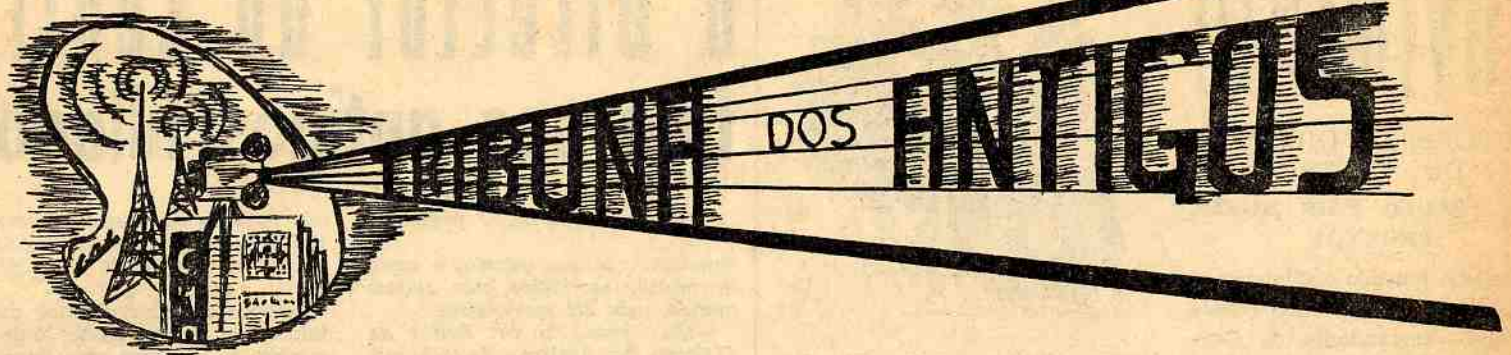
Em todas as cerimónias do Acampamento os Encarregados de Educação foram representados pelo Sr. Lourenço Nunes Proença e os antigos alunos pelos Srs. Eng. Calado Fiadeiro e Alberto Camolino e Sousa.

A tarde ia caindo. As pessoas começavam a debandar da Senhora do Carmo e os filiados deram início aos trabalhos da desmontagem do acampamento.

Poucas horas depois já nada restava do que tinha sido durante cinco dias o acampamento «Maciel Chaves».

João Manuel Martinho
(A.C.C.)

C. B. Vitor Sequeira Mendes

Um aspecto do desfile

A M.P.F. esteve presente

O Director do Centro fala aos antigos filiados

Meados de Setembro. O Outono olha a cidade do topo das montanhas. Aparecem as primeiras névoas nos cumes, anunciadoras das próximas chuvas.

O ar começa a tornar-se frio e as férias vão chegando ao fim.

A «malta» começa a aparecer como as aves de arribação depois de andarem por terras estranhas. Hoje um, amanhã outro, depois outro. As aeronaves regressam à base.

A cidade dorme. Quase não há barulho.

Novidades? Ontem, hoje e amanhã é sempre o mesmo; sempre monótono. É a rotina.

No jardim meia dúzia de velhotes sentados olham para além dos ferros verdes as povoações que se distinguem confusas na bruma distante: Teixoso, Caria e mais além Belmonte. Outros de cabeça pendente, com o queixo contra o peito e as mãos com os dedos enclavinhados e assentes nas pernas, dormitam ou recordam os seus velhos tempos...

É assim a cidade nestes últimos dias soalheiros que a estação nos dá.

Passo ao Liceu. É um casarão adormecido.

Entro e fico à escuta. Silêncio. Há nele aquela quietitude sepulcral que choca e é peculiar dos templos antigos de paredes graníticas, escuras.

É *isto* o Liceu!

Subo as escadas e vejo uma figura conhecida de caneta na mão e debruçada sobre a mesa. Escreve. (É homem ou estátua? A gente tem cada uma! É humano, está claro — lá está ele a fitar-me por cima dos óculos).

— Bom dia, Sr. Rato.

— O Branquinho! Então?

— Passou bem? O Sr. Reitor? — e cumprimentando-o, apontei a Reitoria.

O Sr. Reitor estava. Apesar de estar atarefado com os trabalhos que precedem a abertura das aulas, não deixou de me receber quando lhe disse o fim da minha visita.

E assim nasceu esta entrevista.

Fiz a primeira pergunta:

— Como para os antigos fiilados o aparecimento da «Chama» marcou o início duma época nova, gostaria de saber quais são as impressões que o Sr. Reitor tem do nosso jornal?

O Sr. Reitor sorriu e a resposta veio:

— A pergunta deixa-me pouco à vontade para responder. Bem vê: a ideia e a iniciativa da criação de um jornal do Centro foi minha. Nestas condições, compete-me antes aceitar e não fornecer impressões sobre a «Chama».

Não posso, no entanto, furtar-me a dizer que a «Chama» tem procurado cumprir galhardamente. Os elementos directivos que escolhi e aos quais confiadamente entreguei a sua orientação, têm-lhe consagrado todo o entusiasmo, todo o carinho e dedicação de que sempre os julguei capazes. O seu director tem-se desempenhado brilhante e hon-

(Continua na 6.ª página)

A NOSSA LUTA

Portugal está em guerra. Mas Portugal, o mais velho país da Europa, o mais valente e corajoso não pode perder Angola. O nosso glorioso passado impõe-nos deveres. Recordemos os nossos herois e as façanhas que fizeram para espalhar a fé e a civilização. Por isso Angola é nossa — temos de defendê-la não por aquilo que ela nos possa dar, mas pelo sangue que os nossos antepassados nela derramaram.

A história assim o exige; o sacrifício daqueles que tombaram desde o dia já remoto em que os portugueses aportaram a essas paragens não pode ser atraiçoado.

Não é de hoje que a cobiça alheia paira sobre Angola. Já no século XVII os Holandeses tiveram as suas veleidades de conquista a que pôs termo a acção vitoriosa de Salvador Correia de Sá.

E as pedras de Massangano ainda hoje atestam o que foi essa luta em bravura, em heroicidade, em sacrifício.

Há muito que o mundo se habituou a respeitar o brio, o ardor combativo, a força de ânimo dos soldados de Portugal, que na Metrópole ou na mais afastada parcela do Império sabem lutar como valentes, morrer como heróis.

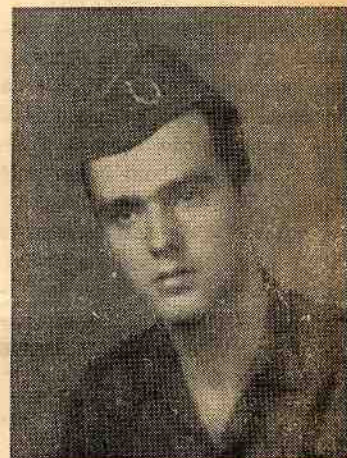
Num mundo que ignora os mais altos valores que devem nortear toda a acção humana, Portugal, com os olhos postos no seu passado heróico, prepara conscientemente o dia de amanhã.

É pelo futuro que lutamos, pelo futuro da Pátria que tanto amamos, pelo futuro deste povo que nos cumpre continuar a engrandecer.

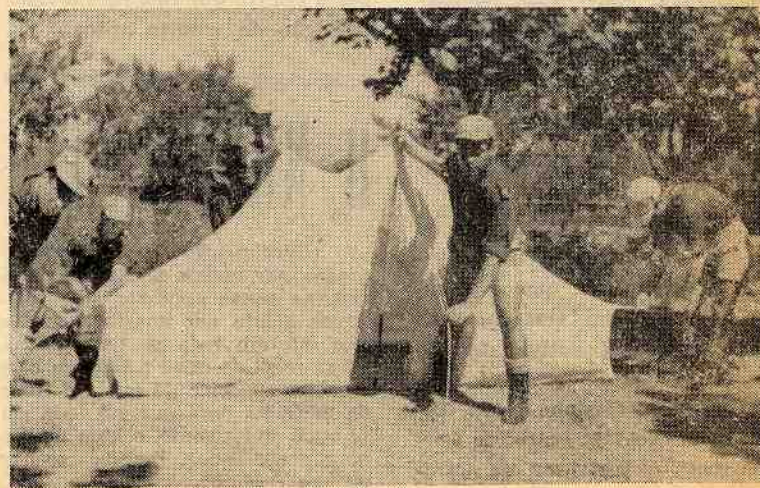
Incompreendidos por uns, atrai-

(Continua na 6.ª página)

Comandante de Castelo João Ernesto Gouveia Pinto da Silva

O antigo filiado deste Centro João Ernesto Gouveia Pinto da Silva, frequentou este ano o curso de Comandantes de Caste-

C. C. João Ernesto Pinto da Silva

lo da E. N. G., tendo sido classificado como «muito apto».

«Chama» ao lembrar a sua passagem pelo Centro Escolar n.º 2, felicita-o pelo êxito obtido e deseja ao novo graduado, que presentemente presta serviço no Centro Escolar n.º 1 desta Ala, as maiores felicidades no desempenho das suas futuras missões em serviço da Mocidade Portuguesa.

A presença dos antigos filiados do Centro no Acampamento «Maciel Chaves»

MOVIMENTO

LOUVORES DO DIRECTOR DE CENTRO

C. C. PAULO PAIS NUNES PROENÇA

Que seja louvado o Comandante de castelo Paulo Pais Nunes Proença — comandante de Centro Adjunto, Comandante de Instrução, Chefe da Secção Cultural e Chefe da Redacção da «Chama» — pela forma exemplar como soube cumprir as suas diferentes missões em que revelou competência, zelo e manifesto espírito de sacrifício.

C. C. JOSÉ ORLANDO PEREIRA DE CARVALHO E JORGE FERREIRA

Que sejam louvados os comandantes de Castelo José Orlando Pereira de Carvalho e Jorge da Conceição Ferreira, pela dedicada e leal colaboração sempre prestada à Direcção bem como pelo muito interesse que demonstraram em todas as actividades do Centro e, de um modo especial, pela sua acção nos cursos de Arvorados e Chefes de Quina Salvador Correia de Sá e D. Pedro de Menezes.

DR. CASINHA NOVA

O Centro encontrou no ano passado no Dr. Casinha Nova um

Dr. José Casinha Nova

amigo dedicado e grande colaborador.

Temos todos a maior pena de ter sido tão breve a sua passagem pela Covilhã, mas não esquecemos o seu trabalho nas mais diferentes actividades do Centro.

O Dr. José Casinha Nova, Director do Ciclo de Palestras Corporativas e Instrutor de Campismo, colaborou, igualmente, na «Chama», que desde o primeiro

número lhe mereceu o maior interesse.

Lembrando com muita gratidão a sua ajuda, desejamos ao Dr. Casinha Nova as maiores felicidades.

DR. JOÃO NUNO DE MELO AIRES DE ABREU

O Dr. Aires de Abreu, médico escolar do Liceu e Instrutor de Higiene e Primeiros Socorros nos cursos de Arvorados e Chefes de Quina foi transferido para Castelo Branco, deixando por isso de prestar serviço no Centro.

Agradecemos ao Dr. João Aires de Abreu toda a colaboração que generosamente nos prestou.

IV ENCONTRO DE GRADUADOS E ROMAGEM «POR DEUS E PELA PÁTRIA»

A FÁTIMA E A BATALHA

O nosso Centro esteve representado no IV Encontro de Graduados e Romagem «Por Deus e pela Pátria» a Fátima e à Batalha pelo C. C. Paulo Pais Proença, Comandante de Centro Adjunto e chefe da Redacção da «Chama».

NOVOS GRADUADOS

Concluíram o curso de comandantes de castelo na E. N. G. os nossos colegas José Alberto Rolão Bernardo e José Proença Mendes.

O novo comandante de castelo Rolão Bernardo foi o 1.º filiado deste Centro que mereceu a classificação de «muito apto».

A NOSSA LUTA

(Continuação da 5.ª página)

çoados por outros não renunciaremos ao nosso combate, não fugiremos à luta que nos foi imposta sem que em toda a terra portuguesa reine de novo a paz e a harmonia e se deixe de ouvir o troar da metralha para que em toda ela se ouça, ùnicamente, o hino de um povo trabalhador, livre e senhor do seu destino.

João Ernesto Pinto da Silva
(C. C.)

O Director do Centro fala aos antigos filiados

(Continuação da 5.ª página)

rosamente da sua missão, à custa de muitos sacrifícios, não apenas morais, mas até económicos.

— Que pensa o Sr. Reitor da «Tribuna dos Antigos», da ideia que originou a sua criação e da forma como tem sido preenchida?

— A «Tribuna dos Antigos» é a concretização de um dos objectivos que foi imposto à «Chama» na altura da sua criação: ser um elo de ligação entre antigos e actuais filiados. Pensou-se que um jornal seria um meio de manter sempre viva a recordação e o entusiasmo pelo Centro e, até pelo Liceu, muitos anos depois de afastados de ambos. Quis-se, com o jornal, que todos os antigos alunos do Liceu a ele se conservassem ligados pela vida fora. A «Tribuna dos Antigos» mostra ter conseguido alcançar em certa medida o que se pretendia.

Enquadrada no assunto da resposta anterior surgiu a seguinte pergunta:

— Como encara o Sr. Reitor a acção desenvolvida pelo Director de Centro Adjunto, em que se nota a preocupação de reunir à volta do Centro e do seu Director os antigos e actuais filiados?

— A acção de um dirigente da M. P. é tanto mais valiosa quanto mais se reveste de certa medida de intemporalidade. Por outras palavras, só pode considerar-se como execução integral da missão de dirigente, quando este conseguir plasmar de tal maneira o carácter do filiado que ele se sinta sempre ligado a esta patriótica organização, muito para além dos bancos da escola.

Já em certa altura escrevi que é preciso e urgente criar nos nossos rapazes o honroso «vício da M. P.», do mesmo modo que todos ou quase todos se deixaram já conquistar pelo «vício do futebol».

Nesta ordem de ideias, a acção do sr. Adjunto do Director do Centro, no sentido de reunir à volta do seu Director os antigos e actuais filiados, é mais um exemplo edificante de prudente e sábia orientação. Essa acção é até em si mesma, uma lição constante de como é possível formar a alma de um filiado, embebendo-o completamente da ética da M. P., em cujos quadros ingressou, como simples filiado, logo no momento da sua fundação.

Para terminar fizemos o pedido que foi o principal fim desta entrevista:

— No dia 26 de Novembro cá estaremos reunidos como de costume. Como até essa data todos ou a maior parte não entrarão em contacto com V. Ex.ª, peço o favor de dirigir algumas palavras aos antigos, em especial aos que não possam estar presentes.

— As palavras que me pede, dirigidas especialmente aos antigos graduados do Centro, só podem ser de mágoa por não os podermos ter todos connosco nesse dia. Confio que, ausentes fìsicamente, todos se sintam presentes espiritualmente. A presença de uns — da maioria, com certeza — e as notícias que não faltarão dos outros, far-nos-ão sentir que toda a nossa acção directiva no Centro não terá sido em vão.

Convém elucidar o leitor menos informado, de que no dia 26 de Novembro se realizará uma festa que tem como pretexto lembrar mais um aniversário da inscrição do Sr. Director Adjunto nas fileiras da M.P., e como fim a confraternização dos antigos e actuais graduados e chefes de secção.

Este ano a festa tem um sabor especial, pois é o da comemoração do 25.º aniversário da M. P.

As perguntas acabaram e o encontro chegou ao fim.

Agradeci, despedi-me e saí.

Lá ficou o Liceu à espera. À espera das novas camadas de alunos que vão surgindo todos os anos.

Lá ficou também o Centro esperando por quem o sirva e continue a obra que nós deixámos, de modo a engrandecê-la cada vez mais, sob a orientação dos seus dirigentes.

E como o Liceu, a cidade ficou também à espera.

Alberto Branquinho
(A.C.C.)

É A HORA DE PORTUGAL

(Continuação da 1.ª página)

gue e une-os o mesmo amor a Deus e à Pátria.

É impossível que entre as forças adversas que nos atacam e as que cometendo a traição do silêncio nos não defendem, se não sinta uma certa admiração pelo exemplo único que a juventude de Portugal tentado com a sua atitude de sentinela vigilante em todas as fronteiras e a forma como em Agola tem enfrentado a grande vaga de terrorismo.

Estamos em guerra. Com a ajuda de Deus a venceremos, como vencemos tantas outras, para que a Pátria continue a sua missão histórica de povo evangelizador.

Que todos tomem consciência dos perigos que correremos se não soubermos cerrar fileiras com um só pensamento na base de toda a acção — lutar e vencer.

É a hora de Portugal!

L. C.

MI FA SOL LA SI

A música é quase tão antiga como a humanidade. A mitologia tinha um deus que amansava as feras com a música; a Bíblia diz-nos que o rei David tocava harpa diante do seu antecessor, Saul. Algumas coisas que hoje estudamos, a que prestamos grande atenção, são os do conhecimento humano há muito menos tempo.

Hoje toda a gente diz que gosta de música. Os aparelhos de telefonia dão música a todas as horas do dia e da noite. Todavia, os que os ouvem nem sempre compreendem os trechos retransmitidos.

Se alguém quisesse ouvir falar uma língua estrangeira que não compreendesse (já se não diz que a falasse) passaria por tolo. E igual classificação daríamos a uma pessoa que depois de ouvir ler um trecho em chinês, de que não percebesse nada, se atrevesse a afirmar que não tinha qualquer valor.

Pois isso pode verificar-se em relação à música. Quando há uma audição de música séria (reparem que não digo música sinfónica, porque este termo anda por aí muito mal empregado) todos afirmam que não presta; a música do dia consiste em trechos brasileiros ou americanos, quando são abrasileirados ou americanizados, o que ainda é pior.

Ninguém diz que a música moderna não presta. Só um louco poderia afirmá-lo. Mas temos de encará-lo dentro das condições actuais e dificilmente admitiríamos que pudesse entrar na história da música, como tantos trechos de antiga. Se dos de outrora se perderam muitos, dos modernos talvez se conserve uma percentagem muito menor.

Tudo isto vem aqui para dar às aulas de música o seu valor. O seu estudo deve merecer-nos interesse, pois até há escolas superiores desta matéria. Importa saber cantar, para que não estejamos privados do prazer de nos ouvir a nós próprios, em coro ou isoladamente; devemos aprender ou mais cómodo, para não sermos obrigados a ouvir sempre o que os aparelhos de rádio nos fornecem, para nos deleitarmos com o que nós mesmos tocamos, isoladamente ou em grupo; devemos finalmente prestar atenção às aulas teóricas de Canto para nos não suceder mais tarde que não compreendamos a música mais séria, a mais bonita de todas, para não sentirmos uma falha na nossa cultura.

Quem fala não é professor de música; não julguem que se está a fazer valer a disciplina própria, pois dentro das actividades escolares outro lugar lhe foi destinado no estabelecimento em que trabalha, que não é oficial. Sente a falta de conhecimentos musicais, tem pena de que os seus conhecimentos nesta matéria não acompanhem os das restantes matérias, que também não vão longe. Poderá servir de alguma coisa este exemplo vivido!

Aprendam a cantar bem, os que forem capazes, que a voz humana é o mais perfeito dos instrumentos; aprendam a tocar, pois esta actividade é uma fonte de prazer para os que a podem exercer, dando-lhes um horizonte musical muito mais vasto; os que nada mais puderem fazer, por falta de dotes ou por carência de meios, prestem atenção às aulas teóricas de música, para que a audição dos prosaicos aparelhos de telefonia possa em certa escala dar-lhes o prazer que os primeiros gozam, pelo conhecimento das peças ouvidas, quer sejam do cancioneiro popular ou do reportório dos mais afamados músicos.

SICAMU

Férias para estudantes ultramarinos

«Férias para estudantes ultramarinos», encontrou o melhor eco na imprensa regional que se lhe referiu, não só detalhadamente, como com um relevo que muito nos penhorou e agradecemos.

Fizeram referência a esta campanha o «Jornal do Fundão», «Notícias da Covilhã», «A Guarda», «O Comércio de Guimarães», «A Voz de Lamego» e a «Reconquista», semanário regionalista de Castelo Branco.

Dum modo especial queremos fazer referência ao «Talha-Mar» de 19 de Junho que dedicou inteiramente uma das suas páginas centrais a esta nossa iniciativa.

C. B. António José Miranda Garcia

Desde o nosso primeiro número que temos encontrado no C. B. Miranda Garcia a melhor e a mais devotada colaboração.

Não só à sua «Varanda em Lisboa» e à «Página do Ultramar» de que é Director, o Garcia tem dedicado a sua atenção e o seu trabalho.

É de justiça salientar que o 4.º número da «Chama» só foi possível graças ao dinamismo que todos lhe conhecemos e que «o nosso correspondente em Lisboa», título porque é tratado dentro das portas desta Redacção, empregou a fundo resolvendo todas as dificuldades que por vezes pareciam impedir a publicação do citado número.

As outras actividades do Centro não deixam, porém, de lhe interessar. Tudo acompanha, de tudo quer saber, mostrando nas mais pequenas coisas como está bem viva em si a saudade desta Ala que tão devotadamente serviu.

Por tudo o que fez na «Chama» e por tudo o que há-de fazer, um abraço e um muito obrigado.

João M. Martinho

(A.C.C.)

O Ministro da Educação Nacional fala à M. P.

(Continuação da 1.ª página)

real que consolidou a nossa independência, também agora estamos em guerra para defender a unidade nacional, o vasto património material e moral que os nossos maiores entregaram ao nosso zelo e à nossa inteligência. Estamos em guerra, provocados e ofendidos, preocupados sim, mas dispostos a todas as provas de sacrifício para que o mundo nos reconheça hoje como sempre fomos, nas horas duras e más. Estamos em guerra, torno a dizê-lo, porque somos o escândalo do mundo na afirmação de princípios superiores, na clamorosa voz com que bradamos pelo direito, pela justiça, pela fraternidade verdadeira entre os homens, pela verdade nas relações internacionais, pela paz de Cristo que é a única sem restrições e o sumo bem.

Os nossos soldados, jovens como muitos de vós, batem-se em Angola com heróica bravura, eles que são da mesma estirpe dos que saíram das vossas fileiras, de cara ao Sol e regaram com sangue ilustre e nobre pedaços de Portugal, Maciel Chaves, Nascimento Costa, cujos nomes evoco com emoção e respeito, unindo-os no mesmo pensamento aos que já tombaram no combate insidioso da terra africana. Lá longe, creio e asseguro mesmo que os seus olhos se voltam para nós a ver que papel e figura cá fazemos, se cumprimos o nosso dever em todas as horas e em todos os sectores da vida que ocupamos do mais elevado ao mais modesto.»

... ...

«Eu não trago comigo outra palavra de ordem, porque já a tomastes e escolhestes voluntàriamente: «Deus e Pátria, esse é o lema, invocação e preceito, que tendes para amar e servir. Honrai-o como jovens, vivaz e alegremente como é próprio da vossa idade.»

C. G. Júlio da Silva Esteves

O nosso antigo graduado C. G. Júlio da Silva Esteves que durante dois anos comandou o C.E. n.º 2 da Ala de Castelo Branco foi louvado pelo Delegado Distrital «pela sua competência, zelo, aprumo e dedicação demonstrada como Comandante do referido Centro e na colaboração prestada à Delegação Distrital».

Os dirigentes e filiados deste Centro que não se esqueceram ainda, da sua acção dedicada e do escrupuloso cumprimento com que desempenhou todas as missões, felicitam-no pelo justo louvor que lhe foi concedido.

A «Chama», que conta o C. G. Júlio da Silva Esteves entre os seus melhores amigos, associa-se à alegria geral que este louvor trouxe ao C. E. n.º 2 da Covilhã e deseja ao seu colaborador as maiores felicidades no curso universitário que vai iniciar.

Subdelegado Regional da Ala da Covilhã

Tem-se encontrado doente o nosso Subdelegado Regional, Engenheiro Ernesto de Campos de Melo e Castro.

Há 25 anos dirigente da M. P. tem dedicado à organização o melhor do seu carinho, conquistando muito justamente o apreço de todos que consigo têm trabalhado. Os filiados do Centro Escolar n.º 2 nunca esquecerão que quando do Acampamento Maciel Chaves, apesar das muitas e justas preocupações que então de todo o absorviam não deixou de marcar a sua presença dando-nos a todos o mais alto exemplo de como se serve nas nossas fileiras.

«Chama» exprimindo o sentir dos dirigentes, graduados e filiados do Centro Escolar n.º 2 deseja ao Senhor Engenheiro Melo e Castro prontas e rápidas melhoras.

ANEDOTA

NO JARDIM ZOOLÓGICO

Para demonstrar a possibilidade da coexistência, no Jardim Zoológico de Moscovo puseram um leão e um carneiro na mesma jaula.

— É extraordinário! — exclama um jornalista ocidental. — Como foi possível conseguirem isto?

— Muito simplesmente — responde um guarda. — Utilizamos um carneiro por dia.

ACAMPAMENTO "MACIEL CHAVES"

A entrada do Acampamento

Depois do mau tempo ter impedido que se realizassem os Acampamentos Distritais e de Centro, resolvemos levar a cabo pela primeira vez um acampamento de férias de 5 dias, de 14 a 18 de Junho, integrado nas comemorações do vigésimo quinto aniversário da Mocidade Portuguesa.

A nossa pequena aldeia de lona foi erguida junto à Capelinha da Senhora do Carmo, na vila do Teixoso.

Em virtude da época de exames, estavam impossibilitados de tomar parte neste acampamento os filiados do 2.º e 5.º anos, que só compareceram na Chama da noite de 17 e no almoço de 18.

O Director do acampamento A. Q. G. Leite de Castro, na impossibilidade do Comandante de Instrução e Adjunto do Centro, C. C. Paulo Proença assumir o comando, em virtude da sua preparação

O Sr. Governador Civil acende a Chama da Mocidade

para exame, nomeou o C. C. Jorge Ferreira para o desempenho dessas funções.

O C. C. Paulo Proença visitou, porém, por várias vezes o Acampamento tendo lá passado inteiramente os últimos dois dias, prestando com o seu concurso e dedicação grande ajuda a todos os serviços.

Foi nomeado Subdirector o A. I. José da Graça Bordadágua, que mais uma vez revelou as suas grandes qualidades de chefe e pôs à prova o seu espírito de sacrifício e vontade de servir exemplares.

Para chefiar os diferentes serviços foram escolhidos os filiados:

Secretaria — C. C. José Orlando Pereira Carvalho

Vigilância — C. C. Fernando Plácido Miranda Garcia

Cultural — A. C. C. João Manuel Oliveira Martinho

Abastecimento — A. C. C. José Proença Mendes

Material — A. C. C. José Alberto Camolino e Sousa

Saúde — A. C. C. José Manuel Vicente Barreiros

Limpeza — A. C. C. Francisco José Botelho Roseta

Várias notas simpáticas há a distinguir e salientar neste Acampamento «Maciel Chaves».

A vinda dos antigos graduados que acorreram em grande número à Senhora do Carmo, acompanhando a Direcção e o Comando na resolução de todos os problemas, foi mais uma prova de grande espírito de unidade e íntima ligação entre os novos e os antigos filiados deste Centro Escolar, que tem, anualmente, na romagem ao Liceu no dia 26 de Novembro a sua expressão mais alta.

A representação da Ala de Castelo Branco por um dos seus graduados, o C. B. Vitor Sequeira Mendes, provou mais uma vez como na Divisão de Castelo Branco, para além de separações de orgânica, há um espírito comum, uma vida e uma acção comuns, não sendo indiferente a nenhum filiado, seja qual for a sua Ala ou Centro, o que outros realizem, pois sendo uma actividade da M.P., igualmente a si diz respeito. Para o estreitamento destes laços e para que se tivesse desenvolvido tão alto espírito de camaradagem, tem o Delegado Distrital, Dr. Catanas Diogo, desenvolvido uma acção que é de todo o mérito referir e apontar como exemplo.

Finalmente queremo-nos referir ainda à colaboração prestada pelo Corpo Nacional de Escutas, nossos convidados, com quem convivemos lado a lado, tendo conservado dessas horas a mais grata recordação, não podendo de forma alguma esquecerem-se as atenções e gentilezas cativantes que tiveram para o Centro, em particular, e para a Organização Nacional da Mocidade Portuguesa, em geral.

Depois das diferentes provas e exercícios em que se passaram os primeiros dias o Acampamento Maciel Chaves viveu na noite de sábado e no domingo as suas horas mais altas.

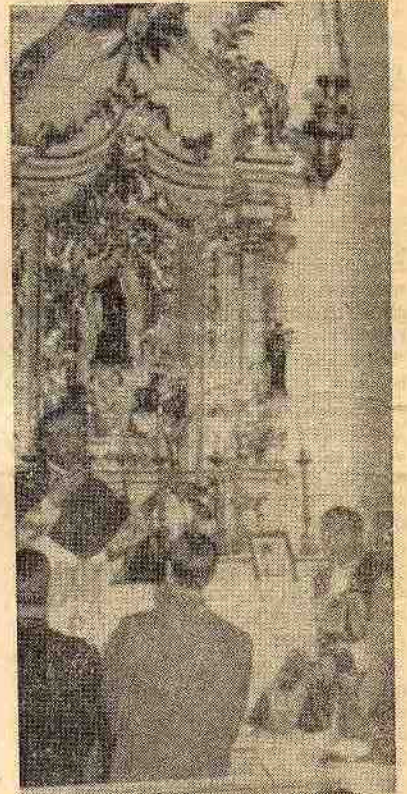
As 21 horas e 30 minutos de sábado chegaram à Senhora do Carmo o Sr. Governador Civil, que vinha presidir à Chama da Mocidade, o Dr. Amadeu Leitão, representante do Presidente da Câmara da Covilhã, Dr. Carlos Coelho, Deputado da Nação, José Nunes Torrão, Procurador à Câmara Corporativa, Padre José de Andrade, Arcipreste da Covilhã, Rev. Superior da Residência do Sagrado Coração de Jesus, Comandantes da P.S.P., G.N.R. e L.P., Provedor da Santa Casa da Misericórdia, C. F. Luciano Duarte Calheiros e muitas pessoas da mais alta representação social da nossa cidade.

Dos dirigentes da Mocidade estavam presentes, a Subdelegada Regional da M.P.F., Directores dos Centros n.ºs 2 e 3 e o Adjunto da Instrução do Centro Escolar n.º 2.

Pouco depois entrou no Acampamento a representação do Corpo Nacional de Escutas que num gesto de cativante simpatia fez a sua entrada a cantar a Marcha da Mocidade.

O Director do Acampamento convidou, então, o Sr. Governador Civil a acender a Chama da Mocidade que decorreu num ambiente alegre e teve a colaboração dos Escuteiros.

Antes do encerramento da Chama foi prestada pelo Corpo Nacional de Escutas uma significativa homenagem ao Centro Escolar n.º 2.

O Sr. João Maria Gabriel, chefe do Núcleo da Covilhã, depois de se ter referido à colaboração que sempre existiu entre os escuteiros e os filiados do Centro Escolar n.º 2, entregou ao Sr. Alves Pereira,

O Sr. Bispo da Guarda proferindo a sua homilia

chefe regional da Diocese da Guarda, uma fita que por este Dirigente do escutismo foi colocada na Bandeira do Centro Escolar n.º 2, após ter dirigido a todos os presentes uma vibrante exortação de

(Continua na 4.ª página)

O Sr. Governador Civil presidindo à Chama da Mocidade